“O BRASIL É O SÍTIO DO VOVÔ”:

OS NOVOS BAIANOS E O IDEAL NACIONAL REVISITADO

Autor: Diogo Pimenta Pereira Leite – UFPB
diogopimenta17@gmail.com
Co-autor:Daviana Granjeiro da Silva – UFPB
davianags@hotmail.com

RESUMO:

O presente artigo pretende analisar as representações construídas pelo conjunto musical *Novos Baianos*, enriquecendo o debate sobre as questões que permeiam o imaginário coletivo nacional através das apropriações do futebol e da música como elementos mediadores do sentido que se dá ao nacionalismo brasileiro. Revisitando as obras de Gilberto Freyre (1998), Mário Filho (2004) e Villén Flusser (1998), conjuntamente com a análise de músicas do grupo musical em questão, adaptadas ao contexto político da Ditadura Militar brasileira, proponho resgatar o debate ideológico com as semelhanças e as disparidades entre as visões sobre o Brasil de uma determinada contracultura e a construção da nacionalidade. Nesse sentido, se torna de suma importância trabalhar com o Movimento Tropicalista e as importantes contribuições de autores como Carlos Calado (1997) e Marcos Napolitano (2002), para uma maior precisão sobre a periodização do que passa a se tornar Música Popular Brasileira, e as suas influências na órbita político-social do país.

Palavras-Chave: Futebol; Nacionalismo; Ditadura.

ABSTRACT: The article analyzes the representations built by the musical group *Novos Baianos*, helping the debates about the questions on issues that permeate the national collective imagination through the appropriations of football and music, as mediators of the meaning given to the Brazilian nationalism. Revisiting the classic authors as Gilberto Freyre(1998), Mário Filho(2004) e Villén Flusser(1998), along with the songs analysis of the group music, inserted in a political context of the Brazilian military dictatorship, it is important to rescue the ideological debate with the similarities and differences about the visions of the counterculture, and the construction of the nationality in Brazil. In that way, it is important to rescue the Tropicalista movement and the contribuitions of the authors Carlos Calado (1997) e Marcos Napolitano (2002), for a better periodization of the Música Popular Brasileira, and the influences in the social political field in Brazil.
Keywords: Football, Nationalism, Dictatorship.

"Mais perto do seu som. No seu mundo sobreterrâneo. À beira do abismo. Por fora de "ismos". Na porta. Varrendo o terreiro. Lavando os pratos como quem faz música[..] Na terra, moramos num sítio. O cantinho do vovô. Tudo como no sonho do meu avô. O sonho do homem - baiano 100% [..]. A bola já está comigo e os dois beques colados às minhas costas me obrigando ao drible. Eu vivo disso, sou Garrincha por convicção. Sou Tostão pra não me machucar. Não há filosofia além disso, só o novo. O criado em cada minuto. E não tem dois tempos pra quem anda. A dúvida tem só a direção de um lance[..] E chegou a hora dessa gente bronzeada mostrar o seu valor[1]."

1. "ENQUANTO ELES SE BATEM, DÊ UM ROLÊ E VOCÊ VAI OUVIR.[2]"

O início da década de 1970 no Brasil foi marcado por intensa repressão e crescimento econômico. Se por um lado a classe média e o alto empresariado viviam o seu período de glória, por meio do *milagre econômico*[3], por outro as esferas que contestavam esse modelo de país alinhado e submisso ao bloco capitalista, que tinha em sua representação máxima os Estados Unidos, sofriam com a perseguição, que variava da morte ao exílio. A historiografia recente tem se debruçado sobre o tema, especialmente com o advento do cinquentenário do golpe civil-militar de 1964. Optamos pela escolha teórica do historiador Carlos Fico (2004), que para além da caracterização nominal que distinguiria o golpe, opta por trabalhar com a figura de sujeitos históricos ativos no processo, como políticos civis engajados com a realização deste, bem como os próprios militares, que efetivaram através das armas a garantia do sucesso da empreitada golpista. Posteriormente poderíamos considerar, segundo o próprio autor, o afastamento contínuo dessa classe civil de homens públicos do governo e o enrijecimento do regime político, que se torna incapaz de negociar, inclusive com as bases que os levaram ao poder. Portanto, o período político vivido que sucede o golpe seria em sua essência uma ditadura militar.

---

[1] GALVÃO,Luís. Disponível em :< http://pontoobservacao.blogspot.com.br/2011/10/novos-baianos-futebol-clube_02.html>. Acesso em 13/03/2015.

[2] MOREIRA,Moraes; GALVÃO,Luis.In: **No final do juízo**,1971.Lado A, Faixa 1.

[3] O período entre 1968-1973 é conhecido como o milagre econômico brasileiro em função das altas taxas de crescimento do PIB(Produto Interno Bruto) acompanhado de baixas taxas de inflação e superávits no balanço de pagamentos.

A entrada do novo regime, associada à reorganização econômica, voltada à abertura ao capital externo, promoveu em um âmbito cultural, segundo Renato Ortiz (2006), uma intensa disputa identitária, centrada na ideia de se pensar o Brasil. As novas tecnologias de comunicação e o aumento do consumo dos bens culturais por uma nova classe média nascente nos grandes centros urbanos, possibilitaram um momento de efervescência nas mais variadas áreas das artes. Muitas das vezes, se percebe inclusive uma troca de influências artísticas que ultrapassava as barreiras formais. Com isso, cinema, música, artes plásticas e literatura se misturavam em busca de uma singularidade brasileira, que teria como pano de fundo, uma representação do ideal nacional.

Um dos frutos desse sincretismo cultural, o Movimento Tropicalista, trazia para o universo da canção princípios estéticos díspares entre si, que procuravam através do despojamento da utilização de diversos elementos simbólicos da cultura brasileira, que variavam a referências a Catulo da Paixão Cearense e seu *luar do sertão*, misturadas ao som de guitarras elétricas, como na música *Tropicália* de Caetano Veloso, até a utilização de um figurino carnavalesco transposto a um universo cafona de programas de auditório, que visavam descaracterizar o viés político do grupo, contribuindo para um senso anárquico, aos moldes do modernismo brasileiro[4] da década de 1920. Segundo Marcos Napolitano podemos perceber:

> "um tipo de canção culturamente híbrida, veiculando as vezes em uma única canção, elementos considerados como auto excludentes pelas correntes de opinião mais tradicionalistas: nacionais e estrangeiros folclóricos e massivos, cultos e populares"(NAPOLITANO; 2002, p.65).

O movimento tropicalista pode ser datado, segundo Celso Favaretto (2006) de setembro de 1967 a dezembro de 1968, porém segundo o próprio autor, ele não pode ser analisado apenas por esse corte, já que seus elementos constitutivos possuem fontes de épocas anteriores, assim como o seu legado perdura até os tempos atuais. Personagens

[4] Um dos pontos fundamentais do modernismo, que tem como marco fundador a Semana de Arte Moderna de 1922, era a busca de uma arte brasileira genuinamente nacional, com raízes na cultura popular. O Manifesto Antropófago (1928), lançado por Oswald de Andrade, preconiza inclusive a incorporação de elementos europeus fundidos com os valores indígenas, para a superação de uma matriz única de produção cultural, daí a metáfora da antropofagia, ou seja a deglutição da civilização europeia, para sua posterior superação na construção da autenticidade artística brasileira.

como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Tom Zé, assim como a banda de rock Os Mutantes, foram de suma importância para a consolidação do que hoje é conhecidamente chamado por nós de Musica Popular Brasileira.

Embora ainda hoje ressoem as vozes do tropicalismo, a repressão do regime militar, após a promulgação do AI-5[5], silenciou os debates no ápice das suas formulações teóricas. O exílio e as prisões dos principais artistas e intelectuais da vanguarda, deixaram um hiato na construção dessa memória no Brasil.

2. "CHEGOU A HORA DESSA GENTE BRONZEADA MOSTRAR SEU VALOR[6]."

É nesse contexto que um grupo de músicos, cabeludos apaixonados pela vida, e uns pelos outros, decide ir morar em um sítio em Jacarepaguá em um regime comunitário aos moldes do modelo hippie. O nome *Novos Baianos* fora dado de forma espontânea. Na quinta edição do Festival da Música Popular Brasileira, em 1969, o coordenador do festival Marcos Antônio Riso gritou *"chama aí esses novos baianos!"*, em alusão à nova safra de baianos que aportava no Rio de Janeiro depois de Gil, Caetano e tantos outros. A música era *"De Vera"*, um som psicodélico com guitarras dissonantes e uma clara referência musical aos Mutantes, e influenciado pela corrente tropicalista da experimentação sonora e poética.

Movimento esse que iria influenciar desde o início a predisposição ao ecletismo musical do grupo:

> "Talvez a principal lição ensinada pela Tropicália foi a de que a música brasileira deveria se abrir às novidades que estavam acontecendo no mundo, em vez de se fechar, como propunham vários artistas ligados ao PCB (Partido Comunista do Brasil). Pode parecer estranho, ou mesmo absurdo, mas naquela época muitos compositores e cantores de importância na música brasileira não aceitavam o rock e a música pop, porque os encaravam como produtos da política imperialista norte-americana. O radicalismo era tanto que até a guitarra elétrica era vista

[5] O Ato Institucional n° 5 promulgado em 13 de dezembro de 1968,durante o governo do General Costa e Silva, concentrava nas mãos do governo poder quase absoluto, suspendendo direitos individuais como o habeas corpus, dando a possibilidade a ditadura de cassar mandatos e suspender direitos políticos por dez anos, e o fechamento do congresso pelo presidente por tempo indeterminado.

[6] VALENTE,Assis. Brasil Pandeiro.In: **Acabou Chorare**,1972.Lado A, faixa 1.

> pelos mais radicais como um símbolo da dominação dos Estados Unidos"(CALADO,2011).

Esse radicalismo criava rachas até mesmo dentro da juventude que se opunha ao modelo ditatorial pelo qual passava o Brasil. O início dos anos 70 no cenário musical brasileiro, tinha no topo de sua hierarquia a MPB, tratada como o bastião dos setores intelectuais, aberto apenas aos vanguardistas que preconizavam a construção da música "culta". Assim, o Tropicalismo acaba por ser segmentada e absorvida pelo mercado fonográfico como mais um subgênero musical do que passou convenientemente a se chamar de Música Popular Brasileira.

Importante reiterar, portanto, que os Novos Baianos como afirma Marcos Napolitano eram inseridos no meio musical:

> "como espaço alternativo, a MPB ortodoxa,nacionalista e engajada se consolidando numa linha musical-comportamental francamente marcada pelo *pop-rock*, com incursões na contra-cultura e na música e poesia de vanguarda, reclamando para sai continuidade das ousadias estéticas e comportamentais do tropicalismo de 68"(NAPOLITANO,2002, p.71)

No futebol também não era diferente. Quantos relatos existem de jovens que na Copa do Mundo de 1970 torciam pelos países alinhados ao bloco comunista, justamente porque associavam a seleção brasileira à ditadura militar!

3. "ZIRIGIDUM- AGARRA, PEGA, PUXA, ESTICA E LARGA COMO NO FUTEBOL[7]."

Para os Novos Baianos era impensado não torcer pela seleção nacional. Comprometidos com a música e o ideal da cultura brasileira, e tendo no futebol um espelho da realidade dura da vida naquele período, o jogo de bola não deixava de ser para eles um retrato fiel da capacidade do brasileiro de passar pelas adversidades através do drible, do jogo de corpo que só quem é pobre, marginalizado e excluído socialmente possui:

> "É assim: jogo duro não é pelada, como se pensa. O bom é não ir de peito porque o adversário também sabe driblar. O adversário é a vida. A vida é adversa. Como fazia ver Garrincha com o adversário a sua frente. A

[7] FILHO,Jackson Gomes.Ziriguidum. In: **Caia na estrada e perigas ver**,1976.Lado A, faixa 2.

> nossa é o drible, o passe, o chute e a cabeçada." (XAVIER; 2009, p. 185)

Aparentemente não era perceptível, assim como o movimento tropicalista, um comprometimento político ideológico. A salvação viria pelo amor, pela música e pelo futebol, segundo o grupo, as principais virtudes do povo brasileiro.

Essa ideia de resgatar elementos intrínsecos à memória afetivo-nacional de todo cidadão nascido em solo brasileiro, tem em sua base, segundo Benedict Anderson, um processo histórico que passa pelo declínio dos sistemas tradicionais de governabilidade, (monarquia, na Europa, ou administração colonial na Ásia e nas Américas) e cria espaço para o "nascimento do nacionalismo baseado essencialmente na identificação étnica, racial e/ou cultural" (ANDERSON, 2008). Para o caso especifico brasileiro, essa identificação *imaginária*, vem explicitada em uma suposta peculiaridade da nossa forma de jogar o futebol, e que mantém uma estreita relação com os usos sociais do corpo. A dança, em especial o requebrar do samba, que tem em suas matrizes musicais o Lundu, um gênero de matriz afro-brasileira, assim como a capoeira, seriam a comprovação da nossa singularidade frente aos demais países.

Um exemplo empírico dessa tese tem em Mário Filho um de seus principais precursores. No livro "O Negro no Futebol Brasileiro", publicado no ano de 1947, o jornalista retrata a trajetória de vários jogadores negros e mulatos, articulando-os a sua ascensão aos domínios do jogo. Em uma tentativa de interpretar a história do futebol brasileiro, associando-a narrativamente à fundação da nação, o autor atribuía ao ídolo esportivo, o papel de personificar a união dos diversos segmentos da sociedade brasileira. Com o intuito de construir uma memória nacional, o livro a partir da:

> " idéia de que o futebol foi campo de um relaxamento das tensões sociais, faz com que os acontecimentos esportivos ocupem o lugar dessas lembranças comuns, possibilitando a construção de um sentimento generalizado de pertencimento à comunidade nacional (SILVA,2006,p.197)."

Convenientemente, coube a Gilberto Freyre o prefacio da obra. De fato, já havia no intelectual, um grande interesse pelo modo brasileiro de jogar bola, principalmente após a participação do selecionado nacional na copa do mundo de 1938. Sobre o tema, o autor de *Casa Grande e Senzala* discorre:

> "acaba de se definir de maneira inconfundível um estilo de futebol brasileiro, e esse estilo é uma expressão a mais do nosso

> mulatismo ágil em assimilar, dominar, amolecer em dança, curvas ou em musicas, as técnicas europeias" (FREYRE;1952, p.432).

Mesmo que inconscientemente, os Novos Baianos acabavam, portanto, sendo os porta-vozes de uma tradição incrustada no imaginário social do povo brasileiro.

Porém, era através da musicalidade do grupo que esse posicionamento era posto em prática. O álbum "Acabou Chorare", um dos mais influentes da música brasileira é um dos exemplos dessa mistura ritmada de várias referências musicais. Sendo o segundo do grupo, as suas músicas carregavam as misturas do rock inglês e americano da época, com a música regional, o samba e o choro. Essa ideia de dar um novo sentido musical a guitarras, baixo, bateria associando-os a cavaquinho, pandeiro, tamborim, e outros instrumentos de percussão, teve como seu mentor um dos grandes expoentes da bossa nova, João Gilberto. Tendo conhecido o grupo por seu amigo e conterrâneo de Juazeiro, Luiz Galvão, compositor dos Novos Baianos, João se encantou pelo projeto de vida do grupo, e passou a frequentar a turma sempre tocando sambas antigos e contribuindo com ideias importantes. Era a contribuição da riqueza harmônica da MPB, da bossa, que faltava para dar a liga necessária entre o rock pesado e o samba.

Todas essas misturas musicais refletem inclusive para nós, um paralelo com o início do futebol. O jogo feito por ingleses, que chega ao Brasil por representantes de classes sociais abastadas, se mistura e cai no gosto do povo, que automaticamente o reinventa e o transforma em um jogo tipicamente nacional. Com os cabeludos da Bahia se deu a reapropriação do rock feito por americanos e também pelos mesmos ingleses, que rompia com a segmentação da música no Brasil. Nos anos 70, quem gostava de Led Zeppelin[8] tinha de achar o samba careta; e essa mistura de dois gêneros aparentemente afastados resultou no *drible*, ou na *bicicleta*, usando termos futebolísticos, das mais bonitas na música brasileira.

Talvez por isso essa relação tão intensa do grupo para com o jogo de bola. No sítio onde moravam, os Novos Baianos possuíam dois campos de futebol, um deles com dimensões oficiais. Pepeu Gomes conta no documentário recentemente lançado *Filhos de João-O Admiravel Mundo Novo Baiano*, que o primeiro dinheiro que eles receberam das vendas do *Acabou Chorare*, foi revertido em camisas, shorts e chuteiras personalizadas para a montagem do time de futebol do grupo. E nesse clima, que em

[8] Um dos grupos de rock britânico, mais bem sucedidos da história da música mundial.

1973 é lançado o disco *Novos Baianos F.C.* . Já consolidados como "Uma turma? Uma família? Talvez um time" (XAVIER,184,2009), o LP possui uma das faixas mais bonitas sobre o futebol; "Só se não for brasileiro nessa hora". A música retrata a partir de lembranças da infância dos compositores Moraes e Galvão, como que através do futebol, é possível ser sempre menino, mesmo quando o perigo é iminente -no caso da narrativa da música- quando se joga pelada na rua, com os carros passando. Dando a alusão metafórica de o menino preferir *deixar a vida pela bola*, verso que possui vários significados- os autores completam "*só se não for brasileiro nessa hora"*. Ou seja, a ideia de abrir mão da vida real representada pelo carro, para ser sempre criança correndo atrás de uma bola independente das consequências:

> "Desde lá, quando me furaram a primeira bola no meio da rua,/ na minha terra quer dizer,/Juazeiro onde se dá ao mesmo tempo Ituaçú./Desde lá, quando me furaram a primeira bola no meio da rua,/ na minha terra quer dizer,/ Juazeiro onde se dá ao mesmo tempo Ituaçú./O ho ho ho, a vizinha tem vidraças. Tem sim sinhô./O ho ho ho, a vizinha tem vidraças. Tem sim sinhô./Ao meus olhos bola, rua, campo/ e sigo jogando/ porque eu sei o que sofro/ e me rebolo para continuar menino/como a rua que continua uma pelada./Que a vida que há do menino atrás da bola:/ para carro, para tudo./ Quando já não há tempo/Para pito, para grito e o menino deixa a vida pela bola.../Só se não for brasileiro nessa hora!/Só se não for brasileiro nessa hora![9]"(MOREIRA/ GALVÃO,1973.)

Essa paixão pelo futebol inclusive se encontra muito bem registrada pelo documentário, cujo nome é o mesmo do disco de 1973, feito por Solano Ribeiro- o idealizador dos festivais da música Brasileira dos anos 60- para uma TV alemã. Sobre o processo de gravação o idealizador da ideia fala:

> "Todos fazem café, as crianças tomam banho no quintal, uma massagem aqui, uma panela no fogo ali. Alguns batucam um tamborim, um cavaquinho ou violão. E, a qualquer hora, o dia inteiro, futebol. Se não tocavam, jogavam bola(...) Eu sabia que, naquele momento, era o que estava acontecendo de mais interessante pra mostrar pra fora do Brasil(...)Sem falar no campo: eles se achavam melhores jogadores de futebol do que músicos. As imagens de jogos mostram a seriedade do negócio. E a única condição imposta pela banda, também, que a filmagem acabasse antes do jogo do Vasco. Eles me disseram, "Bicho, se você não

[9] MOREIRA, Moraes; GALVÃO, Luis. Só se não for brasileiro nessa hora.In: **Novos Baianos F.C.**,1973. Lado A, Faixa 2.

> terminar aqui, nós vamos largar você com as câmeras ligadas e vamos pro jogo[10].”

De tão intensa a relação com o futebol, os Novos Baianos Futebol Clube eram contratados para participar de amistosos em vários lugares do Brasil.

Uma página importante da parte futebolística do grupo foi a participação dos Novos Baianos no time amador “Trem da Alegria”. Idealizado por Afonsinho, primeiro jogador brasileiro que conseguiu na justiça o seu passe como jogador, e o precursor da lei do passe livre[11]. O objetivo do time de pelada itinerante era manter em atividade jogadores sem contrato, ex-craques, novos talentos e simpatizantes em geral, e conscientizar a população da situação pela qual os jogadores vinham passando, presos aos seus clubes por contratos longos e defasados.

Figura 1- O time de futebol “Trem da Alegria”

[10] Ribeiro, Solano. Fonte: <http://www.retalhocultural.com/2010/12/novos-baianos-fc.html>. Acessado em 13/03/2015.

[11] A lei 9.615 de 24 de março de 1998,conhecida como Lei Pelé, ou Lei do Passe Livre, dentre um de seus artigos extinguiu o “passe”. Um ordenamento jurídico que até então prendia os atletas as agremiações no qual eles estavam empregados, já que mesmo depois do fim do contrato de trabalho o atleta só poderia se transferir para outro clube mediante a autorização prévia de sua antiga agremiação.

Em Pé: Aílton Pelé, Marcio, Dedé, Fagner, Zorba Devagar, Marcolino (Goytacaz) e Cadô (XV de Jaú). Abaixados: Moraes Moreira, Abel Silva, Paulinho da Viola, Afonsinho, Gato Félix (Novos Baianos) e Cristiano Menezes (jornalista). Fonte:Jornal *O Globo*[12].

4. "NO CÉU AZUL, AZUL, FUMAÇA UMA NOVA RAÇA, SAINDO DOS PRÉDIOS PARA AS PRAÇAS UMA NOVA RAÇA[13]"

Essa completa distorção da realidade dos valores burgueses, proposta pela filosofia de vida dos Novos Baianos, e pela constante associação do futebol como o espelho vivo do brasileiro, não pode ser considerada mera alienação ou utopia infundada.

O filósofo tcheco Vilém Flusser, que morou no Brasil entre os anos 40 e 70 do século XX, faz, em sua *Fenomenologia do Brasileiro*, declarações que incidem diretamente sobre esse tema. No capítulo "Alienação", Flusser fala sobre a existência no Brasil de um "homo ludens" (homem que joga)*:* "Um homem que trocou a realidade social e econômica por outra, igualmente real, mas de estrutura e de vivencia inteiramente diferente." (FLUSSER; 1998, p. 41).

A alienação pelo futebol, como evasão da realidade do cotidiano -o ópio do povo-, interpretada sempre para os países europeus e americanos, não se aplicaria para o Brasil. Como não teríamos dentro de uma realidade ocidental movimentos históricos que nos definissem como nação- por exemplo, as guerras mundiais, ou a Revolução Francesa- o futebol acabaria por construir na mentalidade nacional, uma identidade ligada essencialmente ao jogo. Esse *homo ludens* brasileiro estaria consequentemente, voltado muito mais para o lúdico que o futebol representa, do que para a própria realidade da vida burguesa (*só se não for brasileiro nessa hora*): "Um homem não mais condicionado por economia [...] Um homem para o qual arte é melhor que verdade". (FLUSSER; 1998, p. 41).

---

[12] Disponível em <http://oglobo.globo.com/blogs/pelada/posts/2011/05/14/o-maquinista-380376.asp>**.** Acesso em 13/03/2015.

[13] MOREIRA,Moraes; GALVÃO,Luis. Colégio de Aplicação. In:**É Ferro na Boneca**,1970.Lado A, faixa 4.

> "É como já dizia aquela antiga/Cantiga de carnaval/eu ainda era menino/na minha terra natal/Mamãe eu não quero/Mamãe eu não quero/trabalhar de sol a sol/quero ser cantor de rádio/jogador de futebol[14]." (MOREIRA,1977)

Embora provavelmente nunca tenham lido Flusser, os Novos Baianos são um dos maiores expoentes dessa nova raça. Baseados no amor, na música, na mistura e no futebol, esses cabeludos deixaram uma vasta contribuição em variados setores da nossa cultura, que podem ser exemplificadas na busca do sentido nacional. Eles ouviram, jogaram, cantaram, e disseram o que sentiam por essa complexidade chamada Brasil.

REFERÊNCIAS:

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo.* São Paulo.Ed. Companhia das Letras, 2008.

CALADO,Carlos. *Tropicália: A história de uma revolução musical.* São Paulo:Editora. 34, 1997.

DREIFUSS, R. A. *1964: A conquista do Estado: ação política, poder e golpe de classe.* Rio de Janeiro: Vozes, 1981,

FAVARETTO, Celso. *Tropicália, alegoria, alegria.* São Paulo: Ateliê Editorial, 1996.

FLUSSER, Vilém. *Fenomenologia do brasileiro: em busca de um novo homem.* Rio de Janeiro:EDUERJ,1998.

FICO, Carlos. *Além do golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar.* Rio de Janeiro: Record, 2004.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Dança dos Deuses. Futebol, Sociedade, Cultura.* São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2007.

FREYRE,Gilberto *Sociologia.* Rio de Janeiro: José Olympio,1952.

GALVÃO, Luiz. *Anos 70: Novos e Baianos.* São Paulo: Editora 34,1997.

MURAD, Maurício. 1994. *"Corpo, magia e alienação - O negro no futebol brasileiro: por uma interpretação sociológica do corpo como representação social".*

[14] MOREIRA,Moraes. O que é O que é. In:**Cara e Coração,1977**.Lado A,faixa 1.

Pesquisa de Campo/Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol, Rio de Janeiro, Ueri, Departamento CulturaVSR-3, n. O, p. 71-78.

NAPOLITANO,Marcos. *História & Música – História cultural da musica popular.* Belo Horizonte: Autentica,2002. (Coleção História & ... Reflexões,2).

RODRIGUES FILHO, Mário. *O Negro no Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro: Ed.Mauad, 2004.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho.*Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006

VELOSO, Caetano. *Verdade Tropical.* São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

WISNIK,José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

XAVIER,Beto. *Futebol no país da música.*São Paulo:Panda Books,2009.